

**IDADE DE FERRO**

Amós Coêlho da Silva (UERJ)

[amosc@oi.com.br](mailto:amosc@oi.com.br)

**INTRODUÇÃO**

*Gênesis* 11, 1-9, Antigo Testamento, com o episódio *A torre de Babel*, relata que *em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar*. Chevalier & Gheerbrandt (1994, s.v. Torre) nos dá a significação de Babel: *Em acadiano, (...) porta do céu*. Depois de uma descrição do simbolismo da torre, nos afirma que ela tem o seu papel, que é *axial*, ou seja, as torres ligam *os três mundos: céu, terra e mundo subterrâneo*. Como Jeová tivesse constatado uma só linguagem entre os homens e, daí, nenhum desejo poderia deixar de ser realizável, conforme versículo 6: *e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma só linguagem. Isso é apenas o começo, agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer*. Por isso, dispersou os homens, leia-se o versículo 7: *Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro*.

Do ponto de vista histórico, comentam os Autores acima citados que *Essas torres que dominavam as cidades babilônias eram sinais de politeísmo, devendo ser condenadas pelo monoteísmo hebraico*. Assim, se fixou a tradição de uma edificação em direção ao céu como expressão do desejo de aproximação do poder divino e de sua canalização para a terra. No entanto, na narrativa bíblica a Torre de Babel simboliza o orgulho humano, uma tentativa humana de alcançar a altura da divindade: seria um levante coletivo contra Deus, por isso Jeová precisou dispersá-los.

Em Hesíodo também, *Os Trabalhos e os Dias*, verso 50, (Zeus) *krýpse dè pyr, ocultou o fogo*. Ou seja, Zeus ocultou o conhecimento intuitivo. Ao furtar uma centelha celeste, privilégio de Zeus, o protetor dos homens, Prometeu, reanimou os homens, mas ofendeu a Zeus.

Linguisticamente, tal dificuldade de comunicação entre os homens: a de falar uma única linguagem, foi denominada por Ferdi-

## A CIDMAR TEODORO PAIS

nand de Saussure de arbitrariedade do signo linguístico. A relação entre o significado e o significante é aleatória, ou melhor, acidental. Dito de outro modo: diante da cultura dos povos *uma língua (...) é 1) o seu resultado, ou sùmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir.* (Câmara Jr., 1970, p. 22)

Partindo de um exemplo clássico, Edward Lopes (1974: 22) o utiliza para demonstrar como a língua é *uma re-criação da realidade*: por exemplo, a enumeração das cores do arco-íris para o português consta de sete nomes; para o inglês, de seis e o bassa da África, de três. Será que o falante de português enxerga com mais clareza o mundo do que os outros?

Encontramos em Platão, certa recomendação de cuidado na leitura de um mito. O fracasso de uma interpretação é confiar unicamente na extensão dos próprios sentidos e captar uma significação por associações de ideias. Isso mesmo foi o que Platão exprimiu no diálogo *Crátilo*, de Platão (427-348 a.C.), através de Sócrates, o mestre e personagem, investiga a questão ‘onomátwn orthótetos’, da propriedade do nome. Nas entrelinhas do *Crátilo*, se patenteia a precariedade da expressão do significado de um nome.

Por essa razão, Platão ressalta neste diálogo pontos de vista opostos quanto à etimologia, ora indica o de Hermógenes; ora indica o de Crátilo e a personagem Sócrates, mediadora do debate, com o bisturi da ironia, traz à baila o termo heróis: ‘oi herwes’ se liga ao nome éros, o amor, ‘hóti parà tò èrwtos ónoma, hóthen gegónasin hoi heróes’, ‘donde os heróis nasceram, porque (vêm) da parte do nome do amor’,<sup>20</sup> ou melhor, porque são filhos do amor (398 e). O que é um trocadilho, não leva em conta a aspiração, dado linguístico relevante numa tomada etimológica, presente em ‘heroes’ e ausente em ‘eros’. Chega a admitir *Dionysos*, deus do vinho, proveniente de ‘Didoínysos’, isto é, ‘hó didoys tón oínon’, o que dá vinho (406 c) – como se vê se associa o corpo fonológico aleatoriamente.

Não devemos esquecer a recomendação platônica, logo no começo do *Fedro*, e reduzir simplificarmente um mitologema, ou seja, o conjunto de elementos arcaicos transmitidos pela tradição, a

---

<sup>20</sup> A tradução é nossa.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

uma falha investigação linguística e etimológica para obter uma interpretação, que foi cunhada por Platão de ‘ágroikos sofhía’, sabedoria camponesa, mas que os sofistas consideravam a mais perfeita forma de saber.

Um exemplo disso é qualquer falante ser interrogado sobre o significado de “cratera”. Ele responderá empiricamente “buraco”. O que está correto, mas se ele consultar o dicionário descobrirá algo mais: lat. *cratera, ae* 'vaso grande, buraco ou abertura da terra, abertura de vulcão, cratera', adp. do gr. *kratêr* 'id.'; ver *crater (i/o)*-; f. hist. sXIV *carautela* (Houaiss, 2000). Por isso, seguimos o conselho de Ernst Cassirer (2003, p. 17): *Do rude instrumento que era nas mãos da sofística e das etimologias ingênuas da Antiguidade e Idade Média, veio a alcançar a agudeza, vigor espiritual que hoje admiramos nos mestres da filologia clássica atual.*

A palavra grega *onomatopoiía*, que significa ação de criar palavras novas, (evidentemente é a mesma da nossa gramática atual), exprime muito bem a nossa ansiedade em depreender a realidade exterior. Mas onomatopeias são convencionais: a representação gráfica ou articulada do latido do cão em português torna-se imotivado em inglês, como no Novo Michaelis, que é *bawl!* Os graus de convenção, na relação entre significado e significante, ocultam as significações das palavras. Por isso, um falante nativo aprende que o arco-íris tem *n* cores, mas poderá achar difícil o discernimento delas. Tais imitações poderíamos denominar aqui como implícitos ou inferências. Mas aqui a descrição de tais relações de verdade se instauram entre idiomas.

Estes implícitos são estudados hoje em dia, por exemplo, por Carl Kerényi, que nos dissecou o termo *vida* na linguagem cotidiana dos gregos, como ‘bíos’ e ‘zoé’. É claro que o latim tem “vita” e os outros idiomas importantes também têm tal termo. Mas, logo de início de seu tratado, ele enfoca ‘zoé’, com seu traço fônico de ressonância, se opondo a ‘bíos’ na articulação; quanto ao seu significado, ‘zoé’, *vida em geral*, é a experiência humana sem limites, ao passo que ‘bíos’, *vida particular*, que os gregos também atribuíam a animais; para elementos vegetais, era ‘phísis’, só em contextos especiais podia ocorrer ‘phýton bíos’, *a vida de planta* (Kerényi, 2002, p. XVIII). Por isso, ‘bíos’ não é uma oposição definitiva, e sim particu-

## **A CIDMAR TEODORO PAIS**

lar, a *'thánatos'*, à morte; *'zoé'*, o tempo da alma, é que cria um contraste único, em que a alma, no curso de seus renascimentos, passa de um *'bíos'* a outro. (2002, p. XX)

Assim, bem como em outras nomenclaturas científicas consagradas, o nome da moderna ciência sobre a vida não deveria ser Biologia, já que nela não se estuda a particularidade de um animal que se chame, por exemplo, “a ovelha Dolly de 2003”. Tal ciência deveria se denominar Zoologia (2002, p. XIX). Talvez esses equívocos se devam ao pragmatismo de cientistas, que se apegam a experiências sensoriais, como ocorrera com Orfeu, quando descumpriu a advertência de Plutão ao olhar para trás; por isso, perdeu a sua Eurídice.

Esta escolha selecionada aqui por Kerényi, lida em Aristóteles, Demóstenes (2002, p. XVIII), para em seguida, retirar de Homero a cognata *'zaw'*, o transcorrer da vida, *'biów'*, viver um espaço de tempo. Desse modo, *'zoé'*, vida sem atributos, e *'bíos'*, vida que inclui morte.

Fechamos estes parênteses com o símile de Kerényi, comparando o universo heleno com o cristão: *Plutarco, (se) quisesse enunciar pensamentos sobre a vida eterna de um deus, ou proclamar a 'vida eterna', teria de empregar 'zoé' como os cristãos fizeram com seu 'aiónios zoé'*. (2002, p. XXXI, com citação exegética de Mateus, 19:16; Marcos 10:17; Lucas 18:18; João 3:36 e a referência contracenada entre Jesus e João 11:25; 14:6)

### ***Mito como verdade humana***

A sociedade industrial compreende o mito como uma expressão de fantasia e mentiras. Modernamente, os estudiosos, equipados cientificamente com recursos como as atualizadas investigações etimológicas e comparação entre mitologias de diversos povos, não se afastam totalmente da concepção sustentada por Platão acima, porque sabem que aquelas outras interpretações equivocadas se aproximam e formam um paralelo com a compreensão equivocada que a sociedade industrial moderna detém.

Carl Gustav Jung (m. em 06/06/1961) o concebeu como arquétipos do inconsciente coletivo, ou seja, há algo de identidade en-

tre todos os homens, mesmo de épocas diversas e de lugares diferentes. Ele o denominou de arquétipos, isto é, modelo primitivo, ideias inatas.

Os deuses gregos revelam através do mito que a pulsão humana para o descomedimento abala o universo. É o que se quer ler nas passagens de Hesíodo, de Ovídio e do *Antigo Testamento*. Essa ultrapassagem da medida pelo homem pode estar contida na banalizada interpretação do personagem Fedro, in *Fedro*, de Platão. Ora, se não se cumpre o pensamento délfico do *gnôthi sautón – conhece-te a ti mesmo* (☞◆◆♣□X ◆☞◆◆□◆♣) – ou melhor, se nem nos conhecemos, por que devo me dedicar a esse tipo de “sabedoria camponesa”.

### BREVES CONSIDERAÇÕES

No século VIII a.C., a Hélade já havia superado a devastação sofrida pela invasão dos dórios, que sufocaram os anteriores invasores jônios aqueus e eólios, a primeira parte da base da futura Grécia Clássica antiga; daí, formar, com estes, a Grécia do apogeu ateniense e espartano: a que, mais ou menos, seria lida nas entrelinhas de Hesíodo.

A Grécia, cantada por Homero, era a dos vitoriosos jônios, aqueus e eólios, fundadores da civilização creto-micênica: sob o reinado lendário de Ulisses, Menelau, Agamêmnon... O século VIII a.C. significa, mais ou menos, a passagem do regime monárquico para o aristocrático. Como o aristocrático era, de fato, deter o poder na mão de poucos, não houve muito trauma social, uma vez que os dois sistemas de governo se identificam exatamente nisto: um sistema oligárquico. A religião garantia uma ‘pólis’ aristocrática, porque as funções religiosas eram exercidas pelos nobres; sempre dos eupátridas, ou seja, dos nobres, elegiam-se os magistrados, as principais autoridades públicas, a partir de uma assembleia que não permitia muito a interferência popular. Quem possuía terras, era rico e poderoso. Do outro lado da sociedade, tínhamos os camponeses endividados, em situação abaixo da linha de pobreza. Realmente, o que vigorava era a *hipoteca somática*. Era uma situação histórica semelhante a do povo romano. A riqueza concentrada nas mãos de pouco. O verbo locuple-

## A CIDMAR TEODORO PAIS

tar da língua portuguesa é “locus”, lugar, isto é, terras, mais o elemento ‘-plet-’, encher, quer dizer, se encher de terras.

*Os Trabalhos e os Dias* é um poema didático com o fim de ensinar os trabalhos da terra. O poeta se utiliza do mito para ensinar agricultura e navegação no mar. Enquanto o poema homérico o herói é dotado (vir, ‘aner’) de ‘timé’, honra pessoal, e ‘areté’, excelência (ou seja, de ‘kosmos’, ordem – (kalón kai agathón), “o belo e o bom” resultado de um “deus ex machina”, em Hesíodo, o novo tipo de herói será aquele que ganha a vida da terra – com o suor do rosto (é ‘humus’, ‘ánthrosos’). Há uma força moral que impulsiona o homem para o trabalho: é a competição inconsciente; a inveja é uma competição consciente.

A vingança de Zeus, o trabalho, se explica no mito de Prometeu e Pandora. O trabalho seria o resumo das mazelas humanas. Aqueles que se deixam levar pela ‘hybris’, pelo descomedimento, serão castigados nesta e na outra vida. Isso é exemplificado pelo Mito da Idade. Pertencemos à Idade de Ferro. A lei do descomedimento está em Téspia, local onde reside o poeta. Isso é relatado no apólogo do gavião e do rouxinol.

O seu o poema é dedicado ao irmão Perses, que, na partilha da herança suborna os juízes e, por isso, fica com a maior parte. Mas como é perdulário fica a zero de dinheiro. Procura o irmão e o intima a ajudá-lo. Hesíodo tenta explicar a ele que a vida é, unicamente, trabalho e justiça, sem os quais prevalece a violência. O trabalho existe porque é uma imposição de Zeus.

### HESÍODO

Hesíodo (final de VIII a.C.) escreveu *Os Trabalhos e os Dias* e *Teogonia*, grecismo que denota: *teo-*: *deus*; *gon-*: *nascer e sufixo -ia*.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo nos apresenta como se organiza o mundo dos mortais. Além disso, também o Poeta tenta aconselhar seu irmão Perses, que, na partilha da herança paterna, subornou os juízes e obteve vantagens. No entanto, perdulário, ficou sem nada e voltou a pedir algum emprestado ao irmão Hesíodo, que lhe adverte sobre a importância do trabalho e da justiça. É um poema

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

didático com o fim de explicar os trabalhos da terra e determinar as épocas de colheitas.

Para Hesíodo, neste poema, justiça e trabalho estão ligados. Se faltar um destes princípios, há de se gerar a violência, ou melhor, a injustiça. O trabalho existe porque é uma punição de Zeus.

Prometeu é o protetor dos homens, mas como enganou a Zeus por duas vezes, foi punido. Na primeira, em Mecone<sup>21</sup>, enquanto Crono reinou os deuses e os homens viviam em igualdade. Vencido Crono, Zeus quis impor uma nova era entre os deuses e os homens. Fez-se uma reunião entre deuses e homens para tentar um acordo. Matou-se um boi, que foi dividido em duas porções por Prometeu. Uma porção só tinha ossos, mas estava atraentemente coberto com uma gordura apetitosa.

Ao escolher Zeus a porção mais atraente para os deuses, afastou a gordura e se deparou com ossos brancos. Zeus furioso jurou se vingar.

Primeiramente, privou os homens da inteligência, *krýpse dè pÿr*, *ocultou o fogo* (50) e imbecilizou a humanidade. Mas o filho de Jápeto reagiu: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, e trouxe-a num bastão para semear nos homens.

Então, Zeus decidiu por uma punição mais terrível. Concebeu Pandora, cuja formação é “pan-”, todo ou tudo, e ‘doron’, dom – a que tem todos os dons, ou pelo menos um de cada divindade: Hermes, Mercúrio para os romanos, encheu-a de astúcia e cinismo; com Atena aprendeu a arte do bordado; de Afrodite veio a graça, a beleza e um desejo indomável... Zeus a enviou através de Hermes como presente para Epimeteu, irmão de Prometeu, porque, como Prometeu significa ver antes, Epimeteu tem por atributo ver depois: o elemento “epi-”, depois. Enfim, mesmo recomendado para ter cuidado com coisas que viessem de Zeus, Epimeteu aceitou e só depois é que compreendeu o mal que fizera.

A raça humana vivia ao abrigo de perigos e de doenças, mas quando Pandora abriu a jarra para satisfazer sua curiosidade, os ma-

---

<sup>21</sup> Cf. Brandão (1994, p.166): *nome antigo de Sicione, cidade da Acaia.*

## A CIDMAR TEODORO PAIS

les evolaram e povoaram a terra dos mortais. Com Pandora, se iniciou a degradação humana. Para explicá-la Hesíodo relata o mito das *Cinco Idades*.

Narra-se o mito das cinco raças do verso 109 a – 201. Vai desde a ‘khrýseon guénos’, a ‘guénos sidéreon’, *da raça do ouro à de ferro*, quatro metais: ouro, prata, bronze e ferro, conforme a qualidade do metal, teríamos a qualidade de vida: assim, o ouro significaria abrigo aos males e dificuldades... Intercalou o Poeta entre a Idade de Bronze e a de Ferro a Idade dos Heróis.

A estruturação das *Idades* se faz por antítese aos pares: a de *Ouro*, criada pelos próprios deuses imortais, durante o reinado de Crono, Saturno dos romanos, apresenta os homens em completa confraternização, em paz, sem competição, sem rivalidade e sem guerra. Não trabalhavam e a terra sozinha fazia brotar o fruto sem precisar de um arado que a rasgasse e fosse feita a semeadura. A raça é denominada ouro, porque este simboliza a realeza. Eles não envelheciam e a morte deles era um sono profundo. Mergulhados neste sono eram destinados a um local privilegiado.

A deusa Astreia vivia entre os mortais na *Idade de Ouro*, mas os abandonou, porque não os convenceu de viver com justiça. Subiu aos céus e tornou-se a Constelação de Virgem.

Na *Écloga IV*, Vergílio (70 – 19 a.C.) assimilou essa passagem da *Idade de Ouro* e nos apresenta a Virgem Astreia presidindo uma outra era paradisíaca na Itália. Até Saturno retornou e governou:

*Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna*

Agora volta o reinado de Saturno e também retorna a Virgem  
(6)

Pela falta de culto aos deuses, o que se constitui numa violência, ‘hýbris’, melhor dizendo numa impiedade: numa ‘adikía’, os mortais passam ocupar a *Idade de Prata*. Nesta perdem alguns privilégios, mas continuam sem trabalhar e longe da guerra. Junito Brandão aponta nos mortais da *raça argêntea fortes analogias com os Titãs: o mesmo caráter, a mesma função, o mesmo destino.* (...) *disputam com Zeus o poder sobre o universo.* (1994, p. 174)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Mas os homens se tornaram arrogantes e competitivos. Lutaram pelo cetro. Transformaram-se em soldados. Hesíodo emblematicizou essa idade pelo bronze, que, para os gregos, tem eficácia apotropaica, mas está ligado ao poder e a guerra: o brilho do metal espalha o terror ao inimigo, os soldados atacam com suas espadas de bronze e se defendem com suas couraças, capacetes e escudo, no mínimo com revestimento êneo.

Na *Idade dos Heróis*, há uma raça mais justa e mais brava. Eles são semideuses. Dotados de ‘timé’, honra pessoal, e ‘areté’, excelência. Mas no mito como relato da soberania de Zeus, nos momentos incertos os Hecatonquiros ajudaram o filho de Crono a derrotar os Titãs. Por isso, Zeus os recompensou com a imortalidade, dando-lhes néctar e ambrósia. Assim, seriam os heróis premiados pela prudência, ‘sophosýne’, e respeito à justiça, ‘Díke’, com Ilha dos Bem-Aventurados. Note-se aqui o mito espelho que reflete os atos políticos do exercício de mandatários.

A de ferro tem as seguintes características: doenças, velhice, morte; incerteza do amanhã e do futuro; Pandora, a mulher fatal e a necessidade do trabalho. É a era da convivência inseparável entre o bem e o mal, não em forma de simples antítese, que se constituísse de uma equivalência, equilíbrio entre as ideias, que propícia a compatibilidade entre elas mesmas, como “Sol e chuva, casamento de víuva.” Sabe-se que o sol pode brilhar simultaneamente com a chuva, e até pode criar os belos arco-íris. Mas num oximoro (“oxi-”, quer dizer agudo e “-moro”, louco, néscio), como “Dia de muito, véspera de nada.” há a incompatibilidade, e não ideias coordenadas.

Alguns pontos sobre a *Idade de Ferro* nos versos de Hesíodo. No contexto época do Poeta de Ascrá, vigora a lei do mais forte. Para ilustrar isso, relata-nos um episódio entre o “gavião” e o “rouxinol”: o primeiro é emblemático dos “reis comedores de presentes”, já que é típico de um predador a voracidade como ave de rapina que é; o rouxinol-cantor simboliza um poeta, “fingidor” de Fernando Pessoa. Trata-se de uma denúncia da prepotência dos ricos contra os pobres.

A condição humana de descomedimento e de desrespeito religioso, condensados na antítese de elementos incompatíveis: *Violência*, ‘*Hýbris*’ oposta à *Justiça*, ‘*Díke*’. Os mortais criaram o mundo

## A CIDMAR TEODORO PAIS

ambíguo, do bem e do mal, do nascimento e morte, do homem em oposição à mulher...

### OVÍDIO

Publius Ovidius Naso (43 a. C. – 18 d. C.) educou-se em Roma e estudou retórica na Grécia, embora o pai lhe tivesse apontado o caminho para o Direito, despertou bem cedo o seu interesse pela poesia. Algumas de suas obras são *Arte de Amar*; *Os Amores*; *Heroides*; *Os Remédios do Amor*; *Cosméticos para o Rosto*; *Os Fastos*; *Tristes* – em dísticos elegíacos ou pentâmetro datílico, como esta página poética que citamos a seguir; *Haliêutica* e *Metamorfoses*, em hexâmetro datílico.

Examinemos este pentâmetro datílico de Ovídio:

Donec e\riIs fE\Ix, // mUl\toS nume\rAbis a\mIcOs;  
T\Empora \sI fue\rInt // nUbila, \sOlus e\ris, (*Tristes*, I, 9-56)  
[Enquanto fores feliz, contarás muitos amigos,  
se os tempos se tornarem nebulosos, ficarás só.]

Uma das fontes de Ovídio foi Hesíodo para escrever as suas *Metamorfoses*, poema que descreve a *Idade de Ferro* a partir do hexâmetro datílico 127.

(...)de duro est ultima ferro.  
protinus inrupit venae peioris in aevum  
omne nefas: fugere pudor verumque fidesque;  
in quorum subiere locum fraudesque dolusque..... 130  
insidiaeque et vis et amor sceleratus habendi.  
vela dabant ventis nec adhuc bene noverat illos  
navita, quaeque prius steterant in montibus altis,  
fluctibus ignotis insultavere carinae,  
communemque prius ceu lumina solis et auras..... 135  
cautus humum longo signavit limite mensor.  
nec tantum segetes alimenta que debita dives  
posebatur humus, sed itum est in viscera terrae,  
quasque reconderat Stygiisque admoverat umbris,  
effodiuntur opes, inritamenta malorum..... 140  
iamque nocens ferrum ferroque nocentius aurum  
prodierat, prodit bellum, quod pugnat utroque,  
sanguineaque manu crepitantia concutit arma.  
vivitur ex raptu: non hospes ab hospite tutus,  
non socer a genero, fratrum quoque gratia rara est; ..... 145  
imminet exitio vir coniugis, illa mariti,

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

lurida terribiles miscent aconita novercae, filius ante diem patrios inquiri in annos: victa iacet pietas, et virgo caede madentis ultima caelestum terras Astraera reliquit. ....	150
Neve foret terris securior arduus aether, adfectasse ferunt regnum caeleste gigantas altaque congestos struxisse ad sidera montis. tum pater omnipotens misso perfregit Olympum fulmine et excussit subiecto Pelion Ossae.....	155
obruta mole sua cum corpora dira iacerent, perfusam multo natorum sanguine Terram immaduisse ferunt calidumque animasse cruorem et, ne nulla suae stirpis monumenta manerent, in faciem vertisse hominum; sed et illa propago.....	160
contemptrix superum saevaeque avidissima caedis et violenta fuit: scires e sanguine natos.	
(...) a última provém do duro ferro.....	127
Imediatamente rebentou para a existência todo crime Do pior das entranhas: a fé, a verdade e a vergonha fogem E para o local dos quais vieram as fraudes, astúcia, .....	130
A cilada, a força prepotente e o amor criminoso de possuir. Davam (os navegantes) velas aos ventos, nem mesmo os marinheiros Conheciam bem os ventos; quantas naves, durante muito tempo, se ergueram Nas altas montanhas e saltaram nas ondas desconhecidas. O medidor cauteloso assinalou a terra, antes comum, .....	135
Assim como a ti, raios do sol e os ares. Nem somente as searas, o sustento devido, a rica terra era solicitada, Mas também mergulhou-se nas entranhas da terra, Cavou-se das sombras infernais o que se ocultou lá E recursos, incentivo a males, são extraídos.....	140
O ferro já se mostrou tão prejudicial, o ouro (é) mais maléfico Do que o ferro. Surge a guerra, apoiada em ambos, Com a mão sangrenta vibra as armas barulhentas. Vive-se de roubos: o hóspede não confia na hospedagem; O sogro, no genro; do mesmo modo é raro o reconhecimento entre irmãos. 145 O esposo ameaça de morte o cônjuge, ela, o marido; As madrastas misturam plantas venenosas; O filho conta os dias de vida dos pais; A piedade jaz vencida, e a Virgem Astreia, a última divindade, Deixa a terra ensanguentada em carnificina. <sup>22</sup> .....	150
Contam que os gigantes ambicionavam o reino celeste E acumularam montes sobre montes até os altos astros. Então o pai onipotente partiu o Olimpo com raio arremessado E separou o Pélion ao Ossa sotoposto.	

<sup>22</sup> Vergílio, *Geórgicas II*, 473-474: *sacra deum sanctique patres; extrema per illos / iustitia excedens terris uestigia fecit, o culto dos deuses e a veneração pelos pais; entre eles a justiça deixou na saída os vestígios nas terras.*

## A CIDMAR TEODORO PAIS

*Como jazessem cobertos os ferozes corpos pelo volume,.....155*  
*Contam que a Terra ficou banhada pelo sangue dos seus filhos*  
*E ensopada tornou vivo o sangue quente.*  
*E, para que permanecesse memória de sua estirpe,*  
*Os converteu em forma de homens. Mas aquela raça .....160*  
*Contemptora dos deuses superiores, avidíssima do crime e crueldade*  
*E violenta: sabe-se de que sangue são nascidos.*

### DANIEL E O SONHO DE NABUDONOSOR

Analógico ao mito das *Cinco Idades* é o Sonho de Nabucodonosor. Em Daniel 2, 29 – 43, o profeta interpreta o sonho de Nabucodonosor: uma estátua, *A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze; as pernas de ferro, os pés em parte de ferro, em parte de barro (31-2).*

A significação dessa passagem é o desdobramento histórico das grandes civilizações: o ouro = apogeu e queda da Babilônia; a prata, auge e decadência persa; o bronze, ascensão e decadência da Grécia; as pernas de ferro, o soldado romano, dominador das outras civilizações, mas que aceitou a mistura com os outros povos, cuja representação é com *os pés em parte de ferro em parte de barro.*

Em latim, o respeito recíproco se denomina *pietas*: governo em que o povo pode confiar. Tal sentimento é o que liga pais e filhos, constitui o laço familiar e vem projetada do culto dos antepassados, do *mos maiorum*, o *costume dos antepassados*. Os romanos se sentiam protegidos pelos deuses *Manes* (divindades honradas como etapa de culto aos mortos), *Lares* (espíritos tutelares) e *Penates* (divindades patronas do interior da casa).

### BIBLIOGRAFIA

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols.I-II.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Introdução, tradução e comentários por Mary de Camargo N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

KERENYI, Carl. *Dioniso*: Imagem arquetípica da vida indestrutível. Tradução de Ordep T. Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1974.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Texte établi et traduit par Louis Méridier. Tome V – 2<sup>e</sup> partie. Paris: Les Belles Lettres. 1931.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Traduzido por Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VIRGILE. *Les géorgiques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1947.